

**“NESSA PRAÇA TEM DE TUDO, SÓ FALTA DESCER UM DISCO VOADOR”:
A VISÃO DOS MORADORES DO ENTORNO DA PRAÇA JOÃO GENTIL
SOBRE OS CONFLITOS QUE ALI OCORREM**

Ismênia de Oliveira Holanda*
Marília Passos Apoliano Gomes**

RESUMO:

Este trabalho tem por finalidade apontar elementos sobre os conflitos ocorridos entre os frequentadores e os moradores do entorno da Praça João Gentil, no bairro do Benfica. Damos destaque aos relatos orais de um grupo de atores sociais envolvidos nos conflitos: os moradores da Rua João Gentil, que é situada no entorno da praça e caracteriza-se por ser uma rua muito estreita, afetada mais fortemente pelo trânsito de pessoas que ali ocorre. Realizamos tal escolha metodológica pelo fato de que os moradores nos oferecem maiores oportunidades de relatos, uma vez que participam/observam cotidianamente dos conflitos que ocorrem no entorno da praça, ao contrário dos grupos de frequentadores que não apresentam a mesma assiduidade no local, por serem transitórios.

Nossa metodologia foi baseada na observação, na entrevista e na coleta de dados com os interlocutores. Para tanto, utilizamo-nos de alguns ensinamentos metodológicos quanto ao trabalho de campo na Antropologia (CICOUREL, 1990) e na Sociologia Urbana, e quanto à realização de entrevistas em História Oral (ALBERTI, 2004; GOODE & HATT, 1969) por meio de um roteiro de perguntas estruturadas pré-estabelecidas. Além disso, na medida em que realizamos a inserção junto aos moradores do entorno da praça, realizamos o procedimento de olhar “de perto e de dentro” que nos ensina Magnani (2002).

Palavras-chave: Conflito. Praça João Gentil. Sociologia Urbana.

* Graduada em Ciência Sociais na UFC. Bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade Gênero e Subjetividade (NUSS).

E-mail: ismeniaholanda@gmail.com

** Bacharel em Direito pela UFC. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC.

E-mail: marilia_passos@yahoo.com.br

1. O trabalho de pesquisar: perceber, construir e reconstruir:

Este trabalho tem por finalidade apontar elementos relevantes nos conflitos existentes entre os moradores do entorno da Praça João Gentil e os freqüentadores da mesma. Quais os papéis desempenhados por cada um desses atores e quais questões ou práticas geram essa tensão social entre eles são questões que essa pesquisa busca esclarecer.

No momento inicial da pesquisa mapeamos uma diversidade de conflitos que tinham como fonte diversas motivações, como preconceito por orientação sexual, brigas devido aos usos dos espaços e conflitos relacionados ao uso de drogas e bebidas. Estas percepções iniciais nos levaram a perceber que havia entre aqueles atores sociais vários tipos de representações em relação aos seus antagônicos nos conflitos, o que os levava a reagir de forma preconceituosa, criando estereótipos que reforçavam seus medos ou suas ações violentas.

Devido a essa gama de conflitos e de representações dos moradores e dos atores envolvidos, resolvemos focar a pesquisa nos relatos dos moradores da Rua João Gentil, situada no entorno da praça. Tal escolha levou em conta o fato de que estes nos oferecem mais oportunidades de relatos, uma vez que observam/participam cotidianamente dos conflitos que ocorrem no entorno da praça, ao contrário dos grupos de frequentadores que não apresentam a mesma assiduidade no local, por serem transitórios.

2. Metodologias norteadoras do trabalho de campo:

Nossa metodologia foi baseada na observação, entrevista e coleta de dados com os interlocutores. Para tanto nos utilizamos de alguns ensinamentos metodológicos quanto ao trabalho de campo em Antropologia e Sociologia Urbana e quanto à realização de entrevistas em História Oral por meio de um roteiro de perguntas estruturadas pré-estabelecidas (Ver Anexo I).

Neste sentido, assumimos primeiramente uma postura de *participante-como-observador*, como delineia Cicourel (1990), revelando aos nossos entrevistados a existência de uma relação de pesquisa de campo e as intenções destas. Isto foi muito importante para que a pesquisa se desenrolasse com certo *rapport*, ou seja, que os entrevistados aceitassem e

procurassem ajudar na obtenção dos objetivos da pesquisa (GOODE & HATT, 1969).

Na medida em que nos aproximamos dos moradores do entorno da praça, realizamos o procedimento de olhar “de perto e de dentro” que nos ensina Magnani (2002). Segundo o que nos expõe o autor, tal olhar nos deu a possibilidade de reorganizar dados fragmentários, indícios e informações soltas, a fim de apreender as práticas e conflitos entre os sujeitos da pesquisa.

Quanto à realização da entrevista, seguimos os ensinamentos de Alberti (2004). Segundo a autora, a entrevista deve ser um diálogo informal e sincero, no qual o entrevistador deve respeitar a produção de significados realizada pelo entrevistado, mesmo que não concorde com estes significados. Foi imprescindível, neste contexto, que realizássemos perguntas diversas e/ou específicas ao assunto em questão, visando estimular a memória e a fala dos entrevistados, sabendo seguir o roteiro de perguntas pré-estabelecido, pois somente assim teríamos como obter visões de diversos moradores sobre os conflitos que lhes eram comuns e sobre os que lhes eram específicos.

Contamos com o auxílio e o uso constante de um caderno de campo, no qual registramos idéias e impressões sobre o momento da entrevista, anotando tanto durante quanto depois de sua realização. Assim, pudemos realizar um retrospecto e uma avaliação da entrevista.

3. Apresentando a Praça e seus atores sociais:

3.1. Breve Histórico e Delineamento Sócio-espacial:

O Bairro do Benfica possui uma pequena extensão, localizando-se entre a Praça da Bandeira e a avenida Eduardo Girão. A história do Benfica se mistura com a história da família Gentil, já que esta família foi comprando terrenos na localidade e lá construiu uma grande chácara.

Foi a Família Gentil que construiu, para vender e alugar, grande parte das casas do entorno da praça João Gentil. Tais casas foram as primeiras de Fortaleza a terem água encanada, pois no local onde fica hoje em dia a praça havia uma grande caixa d'água a partir da qual a Família Gentil fez um sistema de encanamento para chegar até as casas que eles haviam construído.

A praça João Gentil, construída em 1961, é uma homenagem a um importante membro esta família que investiu e fez crescer o bairro do Benfica. Ao redor dela foi que cresceu o bairro da Gentilândia.

Interessante é notar que as formações da Gentilândia e do Benfica como um todo estão relacionadas à estruturação da cidade, das chácaras e dos caminhos que levavam do rural ao urbano a produção agrícola. A mobilidade e a formação dos caminhos e estradas importam no histórico dessa área, porque na localidade havia muitas chácaras de famílias ricas, e a partir delas saíam algumas estradas que davam para as regiões “distantes”, hoje componentes da Região Metropolitana de Fortaleza.

Várias das construções da Gentilândia foram destruídas, demolidas, mas restam algumas preservadas, como o antigo solar da família Gentil que abriga hoje a Reitoria da UFC. Hoje a Gentilândia se caracteriza por ser em parte universitária (a presença forte da UFC: Reitoria, Centros de Humanidades, Casas de Cultura), em parte boêmia, por conta dos bares, dos restaurantes e dos eventos culturais que lá ocorrem. A praça da Gentilândia tem um papel importantíssimo nesse cenário, pois desempenha as funções mais variadas, e nela se presencia uma série de usos na cidade.

Pelo que podemos mapear dos usos da praça João Gentil (Ver Anexo II), eles se situam em 6 pontos:

1. Ponto de Táxi;
2. Banca de Jornais e Revistas;
3. Barraca de Açaí;
4. Bancos;
5. Área das aulas de ginástica; e
6. Quadra.

Entretanto, os pontos onde os conflitos mais ocorrem são nos locais onde ficam os bancos, a área das aulas de ginástica (também utilizada para eventos) e a quadra.

3.2. Usuários da praça e moradores do entorno: sobre os atores sociais da problemática:

Os moradores do entorno da Praça da João Gentil são na sua maioria pessoas de idade avançada e que habitam o bairro há muitos anos. Há casos

de alguns que viram a Praça ser construída, ou seja, são pessoas que nasceram em um período de uma moral em muitos termos distinta da atual e que enxergam no Bairro da Gentilândia e na Praça João Gentil locais de essência familiar. Percebemos, assim, a existência de divergência de valores sobre moralidade e comportamentos públicos entre moradores e freqüentadores.

Há muitos idosos que costumam pôr suas cadeiras nas calçadas ao fim de tarde e à noite para conversarem com os demais vizinhos e com os familiares, que sentem que os usos feitos por alguns freqüentadores têm modificado a identidade dada à praça e ao bairro e alterado a identidade dos próprios moradores.

Porém, por se situar em um bairro que abriga universidades e escolas, a praça é um local que recebe vários grupos de estudantes que usufruem os seus espaços de diversas maneiras, muitas deles condizentes com a realidade que os jovens vivenciam na atualidade, mas consideradas transgressoras por pessoas que viveram uma outra juventude, com outros valores e atitudes, como os moradores mais antigos.

Um outro fator que faz com que a Praça tenha uma grande circulação de jovens é o fato de ela se situar na Avenida 13 de Maio e próximo à Avenida da Universidade, duas avenidas que têm um grande fluxo de transportes coletivos. Tal fator em muito facilita o trânsito de jovens de outros bairros para esta praça. O que, segundo podemos perceber, ocorre em geral em grupos, visto que estes jovens se deslocam conjuntamente para a Praça visando encontrar-se com outros grupos de jovens, tanto para relações amigáveis, quanto para relações conflituosas, a exemplo de brigas de gangues, como obtivemos de relatos dos próprios jovens e de moradores.

3.3. Configuração do fenômeno: formulação do problema investigado:

A Praça da João Gentil é um espaço público que reúne vários atores sociais que partilham de objetivos diversos para o seu uso, sendo um espaço de sociabilidade que apresenta uma alternância de momentos de harmonia e de conflitos. A Praça propicia interações entre os moradores e os seus freqüentadores que muitas vezes resultam em conflito.

Podemos perceber que há três usos distintos da Praça por esses freqüentadores que geram conflito com os moradores:

- a) Consumo de drogas ilícitas e bebidas alcoólicas;
- b) Namoros e práticas de atos libidinosos e/ou sexuais (tanto heterossexuais, quanto homossexuais); e
- c) Uso da quadra de esportes.

Percebemos também que esses usos não ocorrem de forma isolada e que é comum os grupos que ali freqüentam realizarem mais de um desses usos ao mesmo tempo. Nosso objetivo foi compreender a representação os moradores têm do conflito e as conseqüências advindas dessa representação para as relações sociais por eles estabelecidas.

4. Teorias, Campo e Reflexões:

4.1. Teorias Norteadoras:

Entendemos que o conceito de “conflito” de Georg Simmel é o que melhor se adequa ao objetivo desta pesquisa, pela compreensão do autor de que “o conflito é uma forma de sociação” (1983, p.122). Simmel afirma que o conflito se reproduz nas ações interativas que se desenvolvem no interior da sociedade e admite que “o conflito produza ou modifique grupos de interesses, uniões, organizações” (idem, ibidem).

Consideramos o conflito também como um produto de interações sociais, que possibilita ocasiões de destruição e de construção - na ótica das instituições - dos arranjos, das relações, dos processos e das próprias interações sociais. Um dos efeitos positivos do conflito para Simmel é o surgimento de um palco ou arena onde as partes se encontram em uma situação semelhante e, a partir daí, buscarão um ponto de equilíbrio. É esta uma condição necessária para que as partes envolvidas busquem um ajuste que supere as diferenças que as põe em situação de confronto.

O conflito é uma força dinâmica que impõe à sociedade mudanças, não permitindo que situações sociais permaneçam estáticas e, além disto, alterando aquelas que já se encontram em mudança. Portanto, é o conflito uma ação que favorece mudanças sociais e reviravoltas, sendo para Simmel um componente vital do cotidiano, presente em vários movimentos de transformação que ocorrem nas interações sociais.

O conceito de Simmel parece-nos o mais adequado para a presente análise, mas o conceito de “luta” desenvolvido por Weber também foi importante. Para Weber “luta” é uma relação social que surge quando as ações de um indivíduo se orientam com o objetivo de impor a vontade dele contra a resistência dos demais.

No caso do presente objeto, pode-se inferir que existe uma “luta pela existência” dos grupos sociais que frequentam o entorno da praça que não se “encaixam” na ordem social na perspectiva dos moradores. Torna-se visível que determinados grupos parecem estar fora da “ordem” vista pelos moradores, uma vez que estes, em relatos para a pesquisa, atribuem àqueles atos de ferimento aos costumes e a moral do lugar.

O tema ora estudado propicia uma grande discussão na seara da Sociologia Compreensiva, de filiação weberiana, e destacamos aqui o diálogo de Simmel com Weber no que concerne ao conflito. Por isto, outra perspectiva a ser explorada será o de pensar o conflito como parte estruturante da socialização, tendo uma perspectiva positiva do conflito.

Utilizamos-nos, também, das formulações de Goffman sobre representação e sobre estigmatização. A relevância desta obra torna-se necessária a medida que se lançam luzes sobre os estigmatizados, que não são bem hierarquizados na escala valores socialmente construída e portam sinais degradantes da identidade. Goffman nos mostra que há escalas de gradações entre os estigmatizados. A estigmatização busca afirmar um descrédito a um membro ou grupo da relação social a partir de algum sinal observável, assim, o estigma não se constitui como um atributo em si só, mas sempre como um processo relacional entre os atores envolvidos.

4.2. Teoria e Campo: Refletindo sobre os dados obtidos:

A relação social de conflito que foi observada entre moradores e freqüentadores do entorno da Praça da João Gentil revelam que os elementos que geram essas tensões residem no uso de drogas, práticas de atos libidinosos entre heterossexuais e homossexuais, pequenos assaltos, usos inadequados dos espaços da praça que trazem prejuízos e insegurança para os moradores, bem como eventos públicos que agregam desordem ao local.

De acordo com Dona Neiva, 63 anos, que reside no entorno da praça desde seu nascimento, diz que praticamente não tem relação com os freqüentadores e reclama que, com freqüência, a quadra de futebol localizada em frente a sua residência é palco de uso de drogas durante todo o dia e aponta que os jovens de vez em quando causam danos nos portões e veículos dos moradores das casas próximas a quadra. Como medida paliativa tentou organizar um abaixo assinado com outros moradores que também se incomodam com o uso da quadra, mas ainda não tiveram solução, em tal abaixo-assinado eles pediam para que se mudasse a orientação da trave da quadra, visto que esta é voltada para os portões das casas, ou que pelo menos se colocasse um alambrado no entorno da quadra.

Nas conversas que pudemos ter com essa senhora, ela não se mostrou, em geral, incomodada com as atividades realizadas na praça, porém, ela afirmou que a única atividade exercida na praça que afeta o seu dia a dia é a questão da quadra, pelos prejuízos financeiros causados e pelo uso de drogas por jovens, que gera problemas sociais para eles mesmos e para a sociedade. Tal uso de drogas e o medo de assaltos por parte dos jovens que precisam manter o vício, é o que às vezes a afasta da praça, deixando de realizar as suas caminhadas e de participar de eventos muito lotados.

Dona Neiva se mostrou como uma informante-chave para a nossa pesquisa, pois foi ela que nos relatou a prática de retirada dos bancos da praça por parte dos moradores, prática esta que ela não realizou. Entretanto, ela se foi uma das pessoas que menos se queixou do uso da praça pelos jovens, constituindo-se como minoria diante da opinião de seus vizinhos.

Segundo o que podemos coletar em entrevistas com os moradores, a de atitude retirar os bancos de frentes de suas casas deve-se pelo incomodo que os jovens conversando, bebendo e falando alto causam, assim como pelo receio de que “marginais” fiquem “filmando” a casa, ou seja vigiando a entrada e saída de pessoas, esperando o melhor momento para cometer furtos. Essas expressões foram utilizadas por Dona Ilda, que pediu para que seu vizinho, um rapaz mais jovem que trabalha na Polícia Federal, retira-se os bancos de frente de sua casa, pois tinha medo de ser assaltada.

Devido a essa mudança dos locais dos bancos da praça, podemos perceber uma concentração destes já perto da Avenida Treze de Maio, onde há

um maior movimento de pessoas, devido a parada de ônibus, e um maior barulho devido ao trânsito de carros, o que mostrou que os moradores que residem mais próximo dessa área da praça não se incomodam tanta com o barulho por parte dos jovens, visto que já estão acostumados com o barulho dos carros.

O testemunho dos moradores sobre os incômodos causados pelos usos da praça poder ser muito bem explicitado na figura do Sr Marcos, 64 anos, residente no entorno da praça há 58 anos. Segundo ele, mesmo com as viaturas policiais fazendo ronda no perímetro, nenhuma providência é tomada por parte dessas autoridades para solucionar o problema do uso de drogas, pois os policiais “só querem mostrar serviço”, fazendo batidas, mas não prendendo ninguém. Neste sentido, chegamos a ouvir o relator de um morador que ajudou um casal num carro que estava sendo assaltado por um jovem de classe média que mora ali perto, mas que estava completamente drogado, segundo o morador tal medida foi mais eficaz do que chamar a polícia.

Sr. Marcos assim, como a maioria dos moradores idosos que entrevistamos, não tem relação com os freqüentadores por causa dos usuários de drogas e dos casais hétero e homossexuais que usam a praça para namorar e, à noite, para praticar sexo nos locais onde há pouca iluminação, segundo as queixas dos moradores. De uma forma geral, o Sr. Marcos diz se sentir “molestado e não ter privacidade em nada” e ressalta que seu veículo também é alvo de danos e se sente incomodado com os usos que são feitos na praça, como eventos públicos que trazem desordem e situações inconvenientes próximos à suas residências.

Dentre a pessoas que entrevistamos, esse senhor foi o que mais pareceu se sentir incomodado com as transformações pelas quais a praça passou. Segundo o que eles no relatou, ele vive ali desde antes da praça ser construída em 1961. As fala do Sr, Marcos em muito refletem as que ouvimos de seus vizinhos de sua idade: um descontentamento com “as imoralidades” realizadas naquela praça, uma praça de família.

Segundo tais pessoas, “não pode mais sentar na praça por causa dos maconheiros, gays e lésbicas” e “Há pessoas pedindo água, comida, que mexem nos carros, riscam, roubam para fazer maldade”.

A fala que dá o título deste trabalho foi retirada de uma entrevista realizada com o Sr. Marcos, na qual ele relatava coisas estranhas que já tinha visto acontecer na praça, como um casal correndo nu as 2 horas da manhã e outro transando em cima do carro, o que o levou a dizer “nessa praça tem de tudo, só falta descer um disco voador”.

Pudemos constatar que em geral o uso que os moradores fazem da praça é para caminhar e para fazer as aulas de ginástica, para as mulheres. Tais aulas são ministradas pelo Corpo de Bombeiros e são destinadas ao público da Terceira Idade, em geral. Entretanto, na realidade, somente participam dessa aula mulheres, como ouvimos de um morador:

O Tom Barros até participava dessas aulas, mas quando ele viu que era só “putaria” ele saiu. Primeiro era um “viado” que ficava rebolando, então, nenhum “homem mesmo” participava dessas aulas. Agora é uma mulher que fica só “falando putaria” para as velhas, o que elas gostam muito, pois riem bastante, mas não é algo que um homem de respeito participe (Sr. Marcos, 64 anos)

Ele nos fala sobre Tom Barros, conhecido radialista cearense que mora perto da praça e costuma em seu programa dar espaço para que os moradores reclamem dos problemas do bairro.

Um outro aspecto importante no estudo dos conflitos na Praça João Gentil é sobre os usos para eventos que o poder público realiza na praça. Em geral, podemos perceber um receio dos moradores em relação a tais eventos, pois, segundo eles, os eventos não são voltados para atender aos anseios da comunidade ali presentes, mas se constituem em, muitas vezes:

Espectáculos de política pública (eleitorais), nos quais há mais estrutura do que público. Em tais eventos, há grandes palcos, entretanto, a organização deles vem de cima para baixo, não são escolhas dos moradores. Além do mais, eles se utilizam de som alto, o que não condiz com a realidade dos moradores daquela região. (José Carlos, 54 anos)

Um outro morador nos relatou sua indignação em relação à realização da 1ª Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais do Ceará (Ver Anexo III)

no entorno da praça, segundo ele “é uma vergonha que a Prefeita pague para um monte de ‘sapatão’ para ficar se beijando no meio da praça”. Tal evento foi realizado com apoio da Prefeitura e da Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal, o que levou o moradores a criticar o governo.

Outro evento que nos mostra um conflito de valores geracionais é a realização da Feira Agroecológica do Benfica (Ver anexo IV), realizada pelo Grupo de Consumidores Responsáveis do Benfica. Tal feira, organizada por este grupo de jovens, se propõe a vender produtos sem agrotóxicos e a propagar o ideário de um consumo consciente. Entretanto, tais produtos sem agrotóxicos são mais caros do que os cultivados com agrotóxicos, o que faz com que alguns moradores reclamem da utilização do espaço para a feira, pois os produtos são caros e já há uma feira de produtos “normais” na Praça da Gentilândia, que fica a um quarteirão da Praça João Gentil.

Entretanto, os moradores nos relataram que gostam dos eventos pequenos e que são relacionados ao passado da praça, como os eventos voltados para a família, para as crianças e os que trazem músicas antigas, principalmente as de carnaval.

Porém a questão dos blocos de Pré-Carnaval é um outro ponto que causa tensões em relação ao uso da praça, pois havia blocos, como o “Quem é de Benfica”, que fechavam a rua, atrapalhando a entrada de carros em casa e de ambulâncias para socorrer eventuais problemas. Então, os moradores fizeram um abaixo-assinado e conseguiram acabar com o evento.

Outro incomodo relatado sobre o período dos blocos de Pré-Carnaval é em relação às brigas, pois, por exemplo, este ano (2010) houve uma briga grande entre uma gangue do Jardim América e uma da Vila Alegre (na Rua Marechal Deodoro), que depois os moradores ficaram sabendo que essa briga foi marcada pela internet.

5. Considerações Finais:

Os conflitos existentes na Praça João Gentil nos mostram de forma microscópica conflitos em curso na sociedade atual, mais especificamente os chamados conflitos geracionais. Tais conflitos têm como base uma questão da ordem de divergência de valores morais.

Tendo como base os valores morais nos quais foram socializados, os moradores, de modo geral, realizam uma divisão entre os maus e os bons usos da praça. Segundo eles, os bons usos são:

- i. As aulas de ginástica com o Corpo de Bombeiros (às 6h e às 7h para a terceira idade e as 17 h para os mais novos);
- ii. Algumas apresentações culturais;
- iii. O uso da quadra para atividades educativas, como as aulas de futebol e um Colégio de crianças com Síndrome de Down que utiliza a praça para que as crianças realizem exercícios físicos, por exemplo.

E os ruins:

- i. A fato do gol da quadra ser voltado para as casas, pois a bola bate nos portões e entra nas casas, causando estragos e prejuízos;
- ii. as pessoas usando drogas (maconha, crack, etc).
- iii. Os jovens bebendo muito;
- iv. Casais que namoram de forma muito explícita e/ou mantêm atos libidinosos na praça;
- v. Os eventos que não respeitam a população e utilizam som muito alto.

É importante perceber que essa categorização não é compartilhada pelos freqüentadores, que são de deferentes faixas etárias, mas, em sua maioria, mais jovens que os moradores.

Estes conflitos específicos nos apontam questões que têm gerado problemas de ordem macroscópica na sociedade brasileira. Podemos perceber que os embates ocorrem principalmente quanto as questões relativas às sexualidades e afetividades e a expressão destas, assim como ao uso de drogas. Ou seja, podemos perceber que os conflitos se concentram na maneira de agir dos jovens, que são considerados agressivos e/ou amorais pelos moradores.

Na medida em que entramos em contato tanto com moradores que se incomodavam com essa “maneira de ser” nova, quanto moradores que não se incomodavam, podemos afirmar que há um processo de assimilação por partes destes das mudanças sociais vivenciadas pelos jovens. Entretanto, esse processo de assimilação ocorre de forma desigual de acordo com a ligação que cada ator social tem com os modos pelos quais foram socializados. Pensamos que aqueles que mais se incomodam com as atitudes dos freqüentadores são

os moradores que mais fortemente afirma a existência de um vazio moral ou de uma anomia (Durkheim, 1978) em curso na sociedade atual.

Referências:

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARROSO, Francisco de Andrade. **O Benfica de Ontem e de Hoje**. Fortaleza:LCR, 2004.

CICOUREL, Aaron. Teoria e Método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1990, p. 87 – 121.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh L. **Os estabelecidos e outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

_____. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOODE, William J. & HATT, Paul K. A entrevista. In: _____. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 237-268.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.17, n. 49, p. 50-82, jun 2002.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula. **Quem é de Benfica? O bairro como lugar da sociabilidade e espaço das práticas de resistência**. 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1999.

VIANA, Waldiane Sampaio. **Manifestações Homofóbicas em Espaços Públicos**. Fortaleza. 141 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: Unb, 2004.

GENTILÂNDIA (Fortaleza). **Wikipédia**. Disponível em
< [http://pt.wikipedia.org/wiki/Gentil%C3%A2ndia_\(Fortaleza\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gentil%C3%A2ndia_(Fortaleza)) > Acesso em: 26
nov. 2010.

ANEXOS:

I. Roteiro de perguntas utilizado com os moradores:

1. (Sexo e Idade) Quanto tempo você mora no entorno da praça?
2. Freqüenta a praça para lazer/outras atividades?
3. Qual a sua relação com os freqüentadores da praça?
4. Qual a sua opinião sobre os freqüentadores da praça? O que acha dos usos que eles fazem do espaço da praça?
5. Tem conhecimento sobre algum conflito entre os freqüentadores da praça?
6. Já vivenciou algum desses conflitos? Qual o motivo?
7. Qual foi a solução? Esse conflito ainda ocorre?
8. Qual a sua opinião sobre os eventos que ocorrem na praça?

II. Mapa da Praça:



1. Ponto de Táxi;
2. Banca de Jornais e Revistas;
3. Barraca de Açaí

4. Bancos
5. Área das aulas de ginástica
6. Quadra

III. Cartaz da 1ª Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais do Ceará:



IV. Cartaz da Feira Agroecológica do Benfica:

